

Silvia Matos de Sousa

Maria Teixeira

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 08

Ensino de sociologia nas modalidades diferenciadas de ensino

Educação em Tempos de Pandemia: aulas remotas e o reaprender dos professores

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 ficará marcado na história mundial pela trágica chegada da pandemia de Covid-19. Em pouco tempo, o vírus que surgiu no continente asiático se espalhou por todos os continentes de forma devastadora, ceifando vidas e provocando estragos sistêmicos nos mais diversos segmentos sociais, entre eles: saúde, economia, educação, e também, nas relações interpessoais. No Brasil, os primeiros casos detectados de covid-19, aconteceu no final de fevereiro de 2020, e em março começou o registro de mortes pelo novo coronavírus no país.

Hoje, um ano depois, o país marca o número de 314 mil mortes por Covid (<https://covid.saude.gov.br>, acesso em 04/04/2021), e sofre as consequências da pandemia que se espalhou por todos os cantos, atingindo populações de todas as classes sociais, desafiando a capacidade do Sistema Único de Saúde (SUS), responsável pela manutenção da saúde de mais de 150 milhões de brasileiros, chegando ao colapso em determinadas regiões do país, devido ao alto número de internações e ocupações de leito de UTIs. Atualizando os dados em 02/06/2021 (<https://covid.saude.gov.br>), momento em que estamos entrando na terceira onda de Covid19 no país, infelizmente chegamos a 467.706 mortes, sendo que Mato Grosso atingiu, até o momento, a marca de 10.854 mortes em decorrência de complicações na saúde provocadas pelo vírus.

Diante da realidade presente no país, este estudo busca refletir sobre os rumos que a educação precisou tomar em Mato Grosso, diante dos desafios educacionais que surgiram a partir da pandemia. O ensino remoto foi a opção encontrada pela Secretaria Estadual de Educação, para garantir a manutenção de escolaridade aos alunos de escolas públicas em Mato Grosso.

O modelo educacional tradicional foi rompido, modificando o cotidiano das escolas, das famílias, dos professores, e dos alunos. As escolas, com o apoio e diretrizes das Secretarias de Educação, estadual e municipal, buscam se adaptar a esta nova realidade ofertando o ensino remoto. Ensino este, que para ser acessível a todos os estudantes, se desdobra entre as aulas online e materiais apostilados, reforçando de certa forma, a estratificação educacional, pois os alunos que tem acesso à internet, computadores, celulares ou tablets conseguem assistir aulas e ter acesso aos professores para sanar dúvidas, enquanto que aqueles que optaram pelo ensino off-line, por

necessidade ou preferência, na maioria das vezes não tem contato com o professor e tem as possibilidades de aprendizado mais limitadas.

Remetendo a Bourdieu ao analisar o sistema de ensino francês, na obra *Escritos da Educação* (2014, p. 45) onde conclui que o sistema de ensino ao invés de ter uma função transformadora, reproduz e reforça as desigualdades sociais, percebe-se claramente, neste momento de pandemia, o quanto as camadas sociais menos abastadas sofrem as consequências de competirem por uma aprendizagem formal, através do ensino remoto, num ambiente virtual pensado de forma hegemônica, como se partisse da ideia de que todos os alunos tem pleno acesso as tecnologias e internet.

Alguns alunos, mesmo aqueles que possuem maior desenvoltura com as mídias sociais, preferem pegar apostilas impressas na escola em detrimento das aulas online, e muitos não participam dessas aulas por diversos motivos, entre eles, a falta de acesso, e de dados para internet, ou mesmo não adaptação ao sistema de aulas online, conforme relatos levantados durante a pesquisa.

Os professores, com formação específica para aulas presenciais, se desdobram para reaprender a ensinar, agora como mediadores de conhecimentos através das aulas remotas, se apropriam de conhecimentos e de diversos meios virtuais possíveis para chegar até seus alunos. Neste sentido, o apoio e formação ofertada pelos CEFAPRO/MT (Centro de Formação de Professores de Mato Grosso), tem sido de grande ajuda.

Por outro lado, há os desafios enfrentados pelas famílias, que, ineditamente, precisam agora exercer o papel de auxiliares diretos na educação escolar dos estudantes. Pais e mães que tiveram que se desdobrar para atender as demandas do trabalho, da casa, e agora, do acompanhamento mais próximo dos filhos na escola. Muitas famílias sofrem com a falta de internet e de aparelhos eletrônicos para acompanhar as aulas online. Outro fator muito relevante quando se trata da rede pública de ensino, é a questão do lanche ofertado pela escola, pois, para muitos alunos, não estar na escola com aulas presenciais significa uma refeição a menos no dia.

É em cima dessas questões levantadas que nos propomos a fomentar diálogos e reflexões acerca do ensino remoto, aulas online e o uso de tecnologias digitais, diante dos desafios enfrentados por professores que atuam na rede pública de ensino, no Estado de Mato Grosso, neste período de distanciamento social obrigatório.

Observa-se que, diante da necessidade do uso de novas metodologias e tecnologias, uma parcela significativa dos profissionais da educação não se sentiam

preparados para esta modalidade de ensino à distância, levando-os a buscar formações que contemplem o aprendizado no uso das plataformas digitais e tecnológicas, a fim de chegar até os estudantes de diversas formas, entre elas: plataformas de ensino (como o *Microsoft Teams* e o *Google Classroom*), *WhatsApp*, celular, entre outras.

Alguns estudos evidenciam a afetação emocional e psicológica dos professores nesse processo. Observou-se, a partir de pesquisas realizadas em diversos lugares do país, um relevante aumento dos níveis de ansiedade, estresse e depressão entre os profissionais. Nessa esteira, este artigo apresenta também a experiência, expectativas e frustrações dos educadores, que precisaram se reinventar para continuar exercendo a profissão a partir de suas residências, saindo da zona de conforto e, ao mesmo tempo, expondo a privacidade da vida familiar.

A metodologia desenvolvida para realizar este trabalho se deu a partir de diversas fontes: observações do novo “ambiente escolar”, sobre a inquietação dos(as) colegas docentes com esta quebra de paradigma na educação, em que nos afastamos da tradicional aula presencial para as aulas remotas; observações nos ambientes virtuais de interação com os colegas através do *whatsapp*, *messenger*, *facebook*, *instagram*, os quais, são utilizados para desabafos e trocas de informações e experiências; observação participante nas reuniões das escolas, acompanhando os repasses de informes e discussões, acerca de formações apropriadas para melhor desenvolver as aulas remotas; consulta, através de questionário virtual, a 23 professores acerca das percepções destes a respeito das aulas remotas, destacando pontos positivos e pontos negativos, conforme poderemos verificar nas análises no decorrer do texto; e por fim, nos utilizamos da leitura de artigos e obras de autores pensadores da educação, que contribuíram para reflexões e uma análise mais minuciosa do momento presente.

Conclui-se que persistem as inquietações dos professores quanto as maneiras mais eficientes de atender o maior número de estudantes adequadamente, e que são inúmeros os questionamentos. É verificável que as unidades escolares estão se desdobrando, junto ao corpo docente e toda a equipe escolar, para traçar os caminhos para uma educação que contemple a qualidade de ensino. Apreende-se também que o ensino remoto afetou profundamente a vida dos profissionais da educação e, conforme pesquisas indicam, a saúde de muitos professores foi seriamente prejudicada. Percebe-se que, para muitos profissionais, o ensino remoto trouxe uma homogeneização entre vida particular e laborativa, dissipando qualquer demarcação clara entre espaços de lazer e trabalho,

objetos pessoais e pedagógicos. Assim, celulares, casa, internet, números particulares de telefone, computadores, entre outros equipamentos pessoais se tornaram importantes instrumentos para o alcance dos estudantes e da atividade pedagógica. Constata-se que, apesar de tantas limitações e pontos negativos, o movimento em torno das inovações tecnológicas, do aprimoramento de habilidades, da busca de conhecimento e de formação por parte dos professores é apontado como um ponto positivo entre os profissionais consultados.

DESENVOLVIMENTO (APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO, RESULTADOS E REFLEXÃO)

Entende-se que cada momento da história, “a educação responde aos anseios de uma sociedade na qual está inserida”, de acordo com Durkheim (2014), “a educação desempenha acima de tudo uma ação coletiva”, e, em todos os tempos é normal que receba críticas e questionamentos, só assim pode ocorrer modificações para enfrentar os desafios, atualmente ocasionados pelo uso das tecnologias e das aulas remotas/virtuais, que se tornaram necessárias neste momento de pandemia.

Certamente podemos afirmar que estamos num momento de grandes transformações no sistema de ensino, o que Bourdieu (2014, p.299) denominaria como um aspecto de crise, devido as “desordens e as discordâncias que o afetam enquanto sistemas de comunicação”, por um lado, observa-se as características da diversidade do público escolar, “o sistema das relações sociais e escolares”, e por outro, “a evolução do sistema das relações entre escola e classes sociais”. Pois, mesmo reconhecendo as aulas remotas/online, como a única saída neste momento de pandemia, sabemos que não alcança a todos, grande parte dos estudantes da escola pública, em Mato Grosso, não possuem acesso à internet, e que muitos possuem apenas pacote de dados de internet que não comporta ficarem por muito tempo online.

Os professores também encontram empecilhos, principalmente os que trabalham nas cidades do interior do estado, mesmo pagando planos de internet, o serviço é precário, e torna-se comum terem suas aulas interrompidas por falha no sinal. É o que podemos observar a seguir, na fala de um dos professores que responderam à pesquisa, ao serem questionados sobre qual o principal desafio ao ministrar aulas remotas/online, neste período de pandemia da Covid1-9, na rede pública estadual, ao dizer que um dos maiores

desafios é, “O fator social que impossibilita o acesso dos estudantes a internet e as ferramentas digitais”, (Agente 01).

Essa conscientização dos professores (as) e gestores das escolas do interior de Mato Grosso, sobre a situação social e cultural dos alunos, colabora para o entendimento da necessidade do uso de apostila impressa.

“O maior desafio é alcançar aqueles alunos/as que não dispõe de ferramentas que possibilite um acompanhamento das aulas, seja por falta de computador, aparelho de celular ou mesmo de internet para acessar. Acabam por optar pela apostila impressa, que não oferece a mesma qualidade da aula ministrada.”.
Agente 03

A partir dessas questões, somos conduzidos às reflexões estruturais de Pierre Bourdieu (2014, p. 61) ao expor um pouco das dificuldades enfrentadas por aqueles que não nasceram nas camadas sociais mais avantajadas:

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno-burguês (ou, a fortiori, camponês e operário) não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” (no sentido empregado pelos etnólogos) dessa classe. Não recebendo de suas famílias nada que lhes possa servir em sua atividade escolar, a não ser uma espécie de boa vontade cultural vazia, os filhos da classe média são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola, e sujeitos, ainda por cima, a ser repreendidos pela escola por suas condutas por demais “escolares” (BOURDIEU, p. 61, 2014).

Percebe-se que as diferentes camadas sociais possuem tipos diferentes de relação com a cultura escolar a qual estão designados desde o nascimento.

Outro ponto que devemos destacar aqui, e que agrava a falta de acesso à internet e as aulas online de uma parcela significativa de alunos, é o fato de pertencerem a zona rural. Cinco dos professores entrevistados trabalham numa escola que atende a este público, na cidade de Barra do Bugres em Mato Grosso, e que compõe, no período vespertino, cerca de 70% do público escolar.

A partir do questionário aplicado a um grupo de vinte e três professores que trabalham na educação pública do estado de Mato Grosso, residentes, principalmente, nas cidades de Rondonópolis e Barra do Bugres, se observou que mais da metade dos entrevistados atuam no ensino médio, cerca de 56%, e 52% deles tem idades entre 40 e 50 anos. Quanto a escolaridade, 52% possuem mestrado, e 44% especialização. Mesmo assim, quando foram questionados sobre sentirem-se preparados para ministrar aulas online, a partir das plataformas Microsoft Teams, Google Classroom, (03) três dos entrevistados responderam que não se sentem preparados para ministrar aulas online, e

(06) seis deles responderam que ainda tem dificuldades, mas estão buscando informações e formações que os capacite. Os demais responderam que estão se adaptando satisfatoriamente as aulas online, e se apropriando do uso das novas ferramentas tecnológicas.

Com relação aos desafios citados, alguns profissionais destacaram a sobrecarga de trabalho devido ao aumento das burocracias por parte das instâncias superiores.

Observemos o relato a seguir:

“O maior desafio é a alta demanda burocrática imposta pela secretaria da Educação que cobra provas do trabalho docente a todo instante, desviando o foco do fazer pedagógico e da criação de materiais e métodos de trabalho (inov)ativos. A baixa participação dos estudantes e a falta de comprometimento com as atividades assíncronas também torna o trabalho mais difícil. Para o sucesso do fazer pedagógico, seria necessário que eles tivessem, além de recursos, uma autonomia e protagonismo que ainda não desenvolveram e que tem sido custoso para a escola promover. Outrossim, esta situação evidencia a grande necessidade de um trabalho cooperativo entre escola, sociedade e família, que não se materializa com facilidade. Muitos pais não acompanham o desenvolvimento do/a filho/a na escola ou, pior, dificultam a dedicação exclusiva do filho ou filha ao delegar-lhes afazeres domésticos no momento da aula. Por fim, lidar com o cansaço das telas e alta demanda de conectividade tem sido adoeecedor”. Agente 17

Outros fatores também são apontados como desafios nesta nova modalidade de ensino, apontando o movimento existente entre escola, secretaria de educação e professores, numa busca contínua de tentar fazer dar certo. Por outro lado, aparecem fatores que fazem parte da cultura familiar, enquanto a BNCC destaca a importância de fomentar o protagonismo dos estudantes em sua aprendizagem, percebe-se a falta de comprometimento destes e da família.

É claro que não podemos desconsiderar que tudo é muito novo, a mudança para o ensino remoto mexeu com a zona de conforto de alunos, família e professores, houve o desencaixe, conforme afirma Giddens (1991, p.11), ao expor uma análise institucional da modernidade com ênfase cultural. Para o autor, as novas ferramentas tecnológicas levam a uma separação entre tempo e espaço ocasionando o desencaixe. O desencaixe dos sistemas educacionais se deu devido a mudança do contexto de ensino, do presencial para o ensino remoto/online, a reestruturação levará tempo, até que aconteça as devidas adaptações de todos os agentes envolvidos.

“Num primeiro momento a própria ambientação a esta nova realidade, o manuseio das tecnologias que, em se tratando de escola pública, eram mínimas e por isso, não muito utilizadas por nós, em segundo, o acesso a conectividade por parte do aluno (a) que é limitado a poucos e por isso, este direito acaba não sendo respeitado”. Agente 15

O Agente 15 discorre sobre o direito do aluno à conectividade, que este direito não é respeitado, e limitado a poucos, quando se trata de escola pública. Isto explicita que a democratização educacional não garante uma paridade entre as camadas sociais. Para muitos alunos a aula online é inviável, devido à falta de acesso à internet, muitas vezes há também a falta de um ambiente silencioso para estudos, e à falta de aparelhos tecnológicos que comportem o uso das plataformas *Teams* utilizada pela SEDUC/MT, no ano de 2020, e atualmente (2021), o *Google Classroom*.

Estas questões educacionais atuais remetem a análises realizadas por Saviani (2012), nas quais, ele investigava os paradigmas da escola tradicional e a tentativa da implementação da escola nova, mas que remetem a reflexões sobre a mudança do ensino presencial para o ensino remoto, como podemos observar a seguir:

O que eu quero dizer com isso é, basicamente, o seguinte: nós estamos hoje, no âmbito da política educacional e no âmbito do interior da escola, na verdade, nos digladiando com duas posições antitéticas que, geralmente, são traduzidas em termos do novo e do velho, da pedagogia nova e da pedagogia tradicional (SAVIANI, 2012, p. 37).

Os professores(as) além de reaprenderem a ministrar aulas se utilizando de tecnologias, ficaram com o encargo extra de elaborar apostilas, escolher conteúdos relevantes e significativos, que façam sentido para os alunos, com o desafio de sintetizar esses conteúdos, para que caibam no número de laudas estipulado pela SEDUC e unidades escolares. Isso nos remete aos escritos de Saviani (2012, p.55), ao discorrer que:

Os conteúdos são fundamentais e sem conteúdos relevantes, conteúdos significativos, a aprendizagem deixa de existir, ela transforma-se num arremedo, ela transforma-se numa farsa. Parece-me, pois, fundamental que se entenda isso e que, no interior da escola, nós atuemos segundo essa máxima: a prioridade de conteúdo, que é a única forma de lutar contra a farsa do ensino. Por que esses conteúdos são prioritários? Justamente porque o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação. Eu costumo, as vezes, anunciar isso da seguinte forma: o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (SAVIANI, 2012, p.55).

Desta forma, pensar conteúdos que façam sentido neste momento de aulas remotas é desafiador e necessário, como uma forma de despertar o interesse e participação dos estudantes. Embora, mesmo com este cuidado por parte dos professores(as), e a procura de metodologias ativas para trabalhar os conteúdos, é perceptível a frustração destes, ao sentirem no dia a dia das aulas online, a evasão e o desinteresse por parte dos estudantes.

Ademais, enquanto professoras na educação básica e pública estadual, observamos uma mudança na forma como os estudantes enxergam a escola nesse contexto remoto. Se antes, a presença na sala de aula era um pré-requisito muito importante na vida da maioria dos alunos, atualmente percebemos que esse requisito é facilmente negociável para aqueles que conseguem participar das aulas online no dia a dia, percebe-se também, que os poucos que frequentam as aulas, nem questionam sobre os conteúdos ministrados.

Aparentemente, as escalas de prioridade para os alunos e suas famílias estão em mudança. Faltar à aula, chegar após o início da aula ou sair mais cedo, não parece mais ser uma questão seriamente relevante. Adicionamos a isso também, a observação de que muitos alunos começaram a trabalhar no período que antes era dedicado à escola e, por isso, não acompanham mais as aulas online.

O Agente 16, e vários outros participantes desta pesquisa responderam que o maior desafio de seu trabalho atualmente é “motivar a participação dos alunos”, pois alguns, mesmo tendo acesso à internet, se acomodam, retiram apostila na escola, respondem de qualquer jeito, sem preocupação com o rendimento escolar ou o real aprendizado, percebe-se que ainda falta essa conscientização sobre a importância da instituição escolar em sua vida, criar hábito de ser responsável e protagonista da própria aprendizagem. Bourdieu (2014, p.59) nos faz refletir sobre isso ao escrever sobre as transferências de valores e prioridades que as famílias em cada classe transferem a seus membros.

Sabe-se que a importância do professor no processo de ensino-aprendizagem, há muito tempo é questionada, conforme discorre Gasparin (2015), sobre os questionamentos levantados acerca da escola, a partir dos avanços científico-tecnológicos que facilitaram a aquisição de conhecimentos para além da sala de aula. Segundo o autor, estes questionamentos estão latentes na fala de alguns docentes, apreensivos pelo medo de serem substituídos pelos computadores e outros meios tecnológicos. Observamos, a partir de nossas vivências escolares, que boa parte dos docentes passam a ver este momento, no qual o uso de tecnologias se tornou imprescindível para a realização das aulas remotas, como um “caminho sem volta”. Percebem que o uso de tecnologias se torna cada vez mais necessário, não como substituto de professores, como aponta Gasparin, mas como auxiliares de aprendizagens. Entre os professores que contactamos,

as tecnologias foram apresentadas especialmente como um aspecto positivo, um auxiliar importante no trabalho docente.

Dos 23 pesquisados, e ressalvadas as considerações que já fizemos sobre a não democratização do acesso as tecnologias, pelo menos 16 professores indicaram o uso/apropriação das tecnologias em sala de aula como principal ponto positivo das aulas remotas.

O principal, a meu ver, é a possibilidade de otimizar as aulas com recursos tecnológicos que permitem ao professor e aos alunos, que tem acesso, a condição de usar diversas ferramentas na aula. Nos permitiu fugir do tradicional quadro e giz e adentrar as opções que a internet tem em relação a infográficos, mapas mentais, quiz, enfim, uma grande variedade de opções (Agente 15).

Com o objetivo de elencar as percepções de professores e professoras entrevistados, acerca dos pontos positivos e os pontos negativos das aulas remotas/online, discorreremos a seguir sobre as respostas entregues por eles em formulário online.

Entre os **pontos positivos** elencado, está a “maleabilidade do formato”, que permite maior flexibilidade para os alunos e, para os professores, a oportunidade de conhecer, ampliar e atualizar as diversas possibilidades de trabalho com tecnologias digitais. Houve a observação de que, ao estudar online, o aluno consegue um incentivo maior, pois não precisará se deslocar diariamente para acompanhar o curso, o que leva a uma economia de tempo e recursos financeiros, além da questão da segurança que melhora por evitar deslocamentos pelas cidades.

Observa-se que existe um otimismo do entrevistado ao fazer o apontamento acima, visto que muitos alunos dependem da escola para se alimentar e não só para estudar, principalmente quando se trata de escolas localizadas nas cidades do interior do estado, nas quais, o público escolar advém de diversas camadas sociais, inclusive da zona rural.

Outros pontos positivos apontados são: a possibilidade de tirar dúvidas de forma online, autonomia por partes dos estudantes, flexibilidade do estudo e facilidade em dominar as tecnologias digitais; a troca de informações e experiências com os colegas, por parte dos alunos e professores; proporcionar aos alunos aulas diferenciadas com a utilização de diversos recursos tecnológicos; apropriação da tecnologia; o uso das ferramentas digitais a qualquer momento, um vídeo, uma música, notícias, ou seja, a disponibilidade que a internet possibilita; menos exposição ao contágio do Covid19;

facilidade no envio de atividades. Apenas um dos agentes pesquisados respondeu que não percebe nada positivo nas aulas online.

Observa-se que mesmo expondo o lado positivo das aulas online, os entrevistados ressaltam a falta de conscientização por parte de alunos, pais e responsáveis, sobre a importância de participar efetivamente das aulas.

Como **pontos negativos** das aulas online, “a impossibilidade de um grupo de estudantes ter acesso a internet” foi o fator mais elencado, seguido da “falta de interação, difícil adaptação e exclusão de alunos”. Desta forma, percebe-se a relevância das interações sociais que ocorrem no interior das unidades escolares possibilitando aprendizagens subjetivas e relações de trocas, de confiança, de respeito e de reciprocidades entre os estudantes e professores.

Outros pontos negativos se referem a relação ao tempo de exposição dos estudantes às telas de celulares, *tablets* ou computadores; a dificuldade dos pais e responsáveis em estabelecerem uma rotina de estudos aos seus filhos, disparidade na velocidade da internet do professor e do aluno; maior volume de trabalho; falta de tecnologia adequada, e acesso à internet; dificuldade do *feedback* dos alunos.

As aulas online, ministradas a partir da residência dos professores, invadiu a privacidade destes profissionais, que discorrem sobre a rotina de trabalho apontando como item negativo o fato de “não fazer nenhuma coisa direito, nem ser mãe, nem ser aluna e nem ser professora. Não tem como exercer esses papéis juntos!” (Agente 13), também, o aumento de gastos com contas domésticas (água, luz, internet).

Observa-se desta forma, que as aulas remotas, necessárias neste momento de distanciamento social, devido a pandemia, mexeu com a estrutura educacional e pessoal de professores e alunos, causando apreensão e angústias, diante da dificuldade em lidar com as tecnologias digitais, o desinteresse e a ausência dos alunos. Conforme podemos observar na fala da Agente 14:

“Nas aulas presenciais é possível dialogar com as emoções, expressões do aluno, com a linguagem não falada e que muito tem a nos dizer. Enquanto docente e, em especial, docente da área de humanas, a presença física me faz muita falta e eu considero elemento essencial no processo de ensino-aprendizagem” (Agente 14).

Sobre essa convivência, Tardif (2012, p.15), discorre sobre o ambiente escolar, no qual a escola é vista como “um espaço sócio/organizacional”, com características sociais própria, onde acontece as interações entre os grupos (professores, alunos, pais, e demais

profissionais da educação e da comunidade). As aulas online mexeram com esta estrutura escolar causando um descompasso na vida profissional dos professores, e também na vida escolar dos estudantes, provocando questionamentos, insegurança e críticas sobre o tipo de educação que está sendo ofertada, através do uso de plataformas e mídias sociais, qual o alcance desta modalidade de ensino junto aos estudantes.

Para além dos aspectos pedagógicos do ensino remoto, acreditamos ser importante mencionar um elemento muito afetado durante esse período pandêmico: a saúde mental e emocional dos professores. Muitas instituições fizeram pesquisas sobre a temática, e não é difícil encontrar portais na internet divulgando diversas pesquisas que alertam sobre a afetação da saúde emocional do professor nesse período. O site Quero Bolsa, por exemplo, após pesquisa com os profissionais da educação em 2020, enumera, em ordem decrescente, os sentimentos predominantes apontados pela categoria: ansioso (a), sobrecarregado (a), frustrado (a).

No mesmo sentido, o hospital Santa Monica, no estado do Paraná, realizou uma pesquisa com amostragem de 1021 profissionais da educação que atuam no ensino público durante a pandemia. Os dados chamam atenção: cerca de 70% dos entrevistados sofrem com ansiedade, 75% tem algum tipo de distúrbio psíquico e 44% sofrem com depressão. A pesquisa divulgada em outubro de 2020 está intitulada “como promover a saúde mental dos professores” e pode ser encontrada virtualmente.

Contribuindo com as pesquisas mencionadas, relatamos ainda nossas observações, enquanto profissionais atuantes na educação durante esse período. Percebemos muitos professores com dificuldade de assimilar a nova forma de trabalhar, a quantidade imensa de informações que chegavam todos os dias e a ansiedade sobre tudo que estava por vir ainda. A necessidade de exercer o seu trabalho, se reinventarem um ambiente de incertezas conduziu muitos colegas de trabalho a contextos depressivos e, não raramente, afastamento das atividades por falta de condições psicológicas adequadas. Nos grupos de Whatsapp percebíamos a frustração e o desamparo de muitos, principalmente na primeira fase do ensino remoto, quando começamos, em Mato Grosso, as aulas online com nossos estudantes a partir de agosto de 2020.

É importante ressaltar ainda que boa parte dos profissionais da educação precisam se reorganizar também em suas casas, conciliando o trabalho com a função de pais e mães que, muitas vezes, precisam auxiliar seus filhos nas aulas remotas, além de

cuidar dos serviços domésticos. Neste sentido, uma de nossas pesquisadas, desabafa, que sua maior dificuldade é: “ser mãe, professora e youtuber ao mesmo tempo” (Agente 10).

Com as plataformas de aulas remotas vieram também os desafios de transformar casa em trabalho, equipamentos de uso pessoal como celular, notebook, número de telefone como instrumentos indispensáveis para a promoção das aulas online. Entre os colegas, muitos relataram a dificuldade de separar tempo de trabalho de tempo de descanso, ocasionado também pelo fácil acesso de alunos a seus professores em períodos noturnos, feriados e finais de semana. Sobre esta situação, ressaltamos os desafios impostos aos estudantes sobre como se comportar neste novo contexto, e desafio também para os professores sobre como lidar com essas situações e estabelecer, aos poucos, os limites desta nova relação professor-aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões e análises apresentadas neste artigo foram levantadas, principalmente, a partir da nossa experiência como docentes em sala de aula nesse contexto pandêmico, que nos possibilitou a vivência e a observação dos ambientes virtuais escolares, o contato não presencial com os colegas, famílias e estudantes, e também da realização de pesquisa junto aos professores e professoras da rede pública estadual de Mato Grosso. Foi possível observar os desafios e angústias que o ensino online/remoto, e o uso de tecnologias digitais tem causado.

Percebe-se que mesmo não dominando totalmente os meios digitais e tecnológicos, a maioria dos professores estão empenhados em aprender a usá-las no intuito de chegar até os estudantes, neste momento que o uso de novas metodologias se faz necessárias para a modalidade de ensino a distância.

Ao longo desta pesquisa, observamos os desafios enfrentados pelos profissionais da educação em Mato Grosso, que, privados de uma efetiva formação preliminar, estão no processo de aprender a usar a tecnologia digital para as aulas remotas, trabalhando e contribuindo na implementação desta nova modalidade de ensino, nas escolas públicas do estado.

Acrescido às dificuldades que a escola pública já enfrentava, com a pandemia, verificamos que agora muitos outros novos desafios se impõem. Os professores participantes da pesquisa demonstram muita preocupação com a quantidade enorme de

alunos que não participam das aulas online, alguns por opções mesmo, mas a maioria por falta de acesso material aos ambientes virtuais. Há uma preocupação sobre os efeitos, a médio e longo prazo, dessa carência de formação mais efetiva.

Estamos num momento de transformações, em que todos os agentes da educação passam por uma adaptação ao novo momento que está posto, tirando-os da zona de conforto. Os professores demonstraram frustração por não conseguir alcançar a todos os estudantes. Observou-se também, o desafio de se adequar as novas tecnologias, mas diante destes, um otimismo e a perspectiva de inovar em sala de aula.

Nesse movimento presente no interior das unidades escolares, CEFAPRO e Secretaria de Educação cumprem importante papel, demonstrando uma preocupação em fazer dar certo, com a oferta de alguns cursos de aperfeiçoamento que tentam ensinar a aplicação das novas tecnologias ao ministrar as aulas online, novas formas de interagir e de usar metodologias ativas e tecnológicas. No entanto, consideramos essas iniciativas ainda insuficientes diante dos desafios postos. Percebemos, assim, que o aprendizado real desse novo fazer docente está acontecendo, principalmente, sob responsabilidade dos professores, no dia a dia desta nova sala de aula.

Conclui-se que esta quebra de paradigma na educação tradicional mexeu com a estrutura educacional, não só de Mato Grosso, mas possivelmente no país inteiro, trazendo consigo desafios que ultrapassam questões sobre formações tecnológicas e do ensino online, tais como: o possível aumento da desigualdade educacional devido a falta de condições de acesso as tecnologias, o que desfavorece imensamente as camadas menos abastadas da população; o adoecimento de docentes devido ao excesso de trabalho, a homogeneização entre vida profissional e pessoal, além das muitas demandas burocráticas; possibilidade de reflexão sobre a amplitude dos papéis que a escola desempenha na vida das famílias e dos estudantes na educação pública, entre eles, a escola como sendo mais do que um ambiente de aprendizagem, mas também, um lugar seguro para deixar crianças enquanto os pais trabalham e, para algumas famílias, relevante fonte de suprimento nutricional para as crianças.

Neste sentido, espera-se que este estudo sociológico, mais do que propor respostas, tenha levantado questões, críticas e observações para o momento, e que possa colaborar com a proposição de reflexões acerca do papel da educação e da instituição escola na vida dos indivíduos, os desafios enfrentados pelos estudantes e, principalmente, das condições de trabalho dos docentes durante a pandemia.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Livro I – Fundamentos de uma Teoria da Violência Simbólica. In: **A Reprodução**. 7ª edição. Petrópolis, RJ. Vozes. 2014.

Como promover a saúde mental dos professores? Hospital Santa Mônica, 20 de out de 2020. Disponível em<:https://hospitalsantamonica.com.br/como-promover-a-saude-mental-dos-professores/>. Acesso em 16 de maio de 2021.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis, RJ. Vozes. 2014.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5ª edição. Campinas, SP. Autores Associados. 2012.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

MURÇA, Giovana. **Desafios do ensino remoto impactam na saúde mental dos professores**. Quero Bolsa, São Paulo, 25 de set de 2020. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/desafios-do-ensino-remoto-impactam-na-saude-mental-dos-professores>. Acesso em 01 de maio de 2021.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente – Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 7ª edição. Petrópolis, RJ. Vozes. 2012

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42ª ed. Campinas, SP: Autores Associados. 2012.